



GEOPOLÍTICA- GEOESTRATÉGIA: RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Therezinha de Castro

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente a *Geografia* esteve sempre afeita a duas divisões gerais: uma "física" e outra "política". Com o transcorrer do tempo, à medida que foram surgindo outras versões especializadas, a Geografia evoluiu não somente no seu conteúdo, como também, em suas denominações.

Em fins do século XIX, baseando-se na necessidade de agrupar certos números de fatos e fenômenos, *Jean Brunhes* criava a expressão *Geografia Humana*. Esta continuou a se subdividir ante a coordenação dos diferentes fenômenos físicos e humanos demonstrada nos trabalhos de *Alexander Humboldt* e *Karl Ritter* e no destaque à parte regional dada por *Vidal de la Blache*. No constante

evoluir, enquanto os franceses criavam com *Vallaux* a *Geografia Social*, os alemães liderados por *Ratzel*, chegavam à *Antropogeografia*.

Como toda classificação é falha, reina naturalmente alguma imprecisão de termos, variando segundo os autores, visto haver grande riqueza de interpretações. Não resta dúvida, porém, de que, sendo a Geografia um patamar para onde convergem vários ramos científicos, receba elementos desses diversos setores, que, assim, a transformam aos poucos. Resta, no entanto para a Geografia a solidez ante o fato de que não há estudo social que possa dispensar uma base geográfica. E, no contexto da base geográfica, é a *Geografia Política* que vai tratar das relações entre grupos organizados no espaço ou território que ocupam. Como nenhum *Estado* pode existir sem

território, nenhum território se pode transformar num Estado de fato, sem que haja *povo*.

Em se tratando de tribos nômades já se pode falar em Geografia Política, no momento em que os grupos se tornam sedentários, e sob o controle de um *governo* criam unidades políticas. A Geografia Política vai tomando feições mais complexas e precisas. O fato de haverem *limites e fronteiras* tomando lugar de destaque no âmbito da Geografia Política leva, no evoluir constante, as *rivalidades* em territórios contestados a *zonas de influência*, envolvendo episódios históricos do passado e do presente. Nesses contextos surgem então a *Geohistória* para a introdução e explicação da Geografia Política.

Na Geografia, encontramos, pois, a gênese da formação territorial e constituição das fronteiras atuais. As fronteiras criam no mapa geográfico uma unidade política historicamente complexa, levando tudo isso a Geografia Política para um alto grau de objetividade e imparcialidade. É que *não existem dois ambientes idênticos, e muito menos dois Estados semelhantes no mundo*. E como na esfera de atividades dos Estados surgem esforços para a *proteção das fronteiras* contra possíveis agressões, o fato leva o estudioso a um outro ramo da Geografia Política — a *Geografia Militar*.

Por sua vez, a Geografia Política, que pode ser considerada como último termo, senão definitivo da *História Política* — é, na realidade, a sua forma presente. Em contra-

partida, considerando-se o Estado como uma criação de *segurança coletiva*, que existe para a defesa, para a luta, a Geografia Política toma nova modalidade na *Geoestratégia*, reivindicada por certos setores militares como sendo de sua esfera exclusiva.

Sabendo-se que a política se baseia essencialmente na *História* e que esta não dispensa a *Geografia*, que lhe serve de base e quadro, condicionando seus princípios, impõe-se então a *Geopolítica*, que tem como objetivo principal o aproveitamento racional de todos os ramos da Geografia no *planejamento das atividades do Estado, visando a resultados imediatos ou remotos*. Conseqüentemente a Geopolítica pode ser considerada como um *estudo dos precedentes históricos em função dos ambientes geográficos* — os resultados desse estudo levam a *conclusões práticas aplicáveis ou não à atualidade*.

A Geopolítica passou a ser, no dizer do alemão Haushoffer, "a arte de guiar a política na prática", valendo-se por isso de inúmeras outras ciências, muito embora o seu centro de gravidade se encontre na Geografia.

Muitos confundem Geografia Política com Geopolítica; assim, uma das definições da Geopolítica é a de que se constitui na Geografia Política com vistas ao futuro. Mais o prático seria dizer para diferenciar uma da outra que a *Geografia Política* é, como a fotografia, — estática; enquanto a *Geopolítica* é como um filme, tem movimento, é *dinâmico*. Conseqüentemente, a

posição de um Estado está para a Geografia Política, assim como o seu *posicionamento*, para a Geopolítica.

Por outro lado, como o auge da Geopolítica vem da importância adquirida na guerra total da época moderna, alguns a confundem com a Geoestratégia; daí Derwent Whittlesey haver definido a Geopolítica como “uma criação do militarismo e um instrumento da guerra”.

Não restam dúvidas de que os fatores básicos da Geopolítica figuram nos estudos militares estratégicos e que, assim sendo, ela serve como *instrumento de análise tanto para fins políticos como para militares*. Dentro dessa dualidade, Griffith Taylor define a Geopolítica como “o estudo dos mais relevantes aspectos da situação e recursos do país, com vistas à determinação de sua posição relativa na política mundial”.

Ora, a determinação de uma *posição* na política mundial equivale a uma *avaliação do poder*, para a tomada de um *posicionamento*, ou seja, a determinação do grau de potencialidade do país no âmbito das *Relações Internacionais*. Assim, Stephen B. Jones procurou, em 1954, trazer a sua receita, enumerando elementos de uma *visão global* baseados no conceito de *Poder Nacional*. Sua receita se compõe de dois componentes: o *inventário* e a *estratégia*.

O inventário é tudo aquilo que se possui, equivalendo ao que

Mackinder chamou de “man settling”, ou composição humana; incluindo nesse inventário: a população, a cultura e a base material, associando ao que Rudolf Kjellen chamou de Demopolítica e Fisiopolítica.

A estratégia é o que se faz com aquilo que se possui, equivalendo ao que Mackinder chamou de “man travelling”, que podemos traduzir por bens móveis; inclui na estratégia: a atmosfera, os oceanos e ilhas, interiores continentais e periferia e a região norte. Podemos, pois, observar que na estratégia se entrosam terra, mar e ar com base no hemisfério norte, por se encontrar lá, sobretudo no presente, o fulcro do Poder Mundial com as duas potências — Estados Unidos e Rússia — se defrontando no âmbito das Relações Internacionais. Observamos ainda que no conceito de Poder Nacional existe uma integração que, *extrapolando o meio geográfico atinge o fator humano*, que tanto Mahan como Mackinder destacam em suas respectivas teorias.

E se hoje a *Geoestratégia* considera três os Poderes: o *terrestre*, o *marítimo* e o *aéreo*; a *Geopolítica* também considera três os Poderes: o *real*, o *latente* e o *prestígio*. O *Poder Real* é o que pode objetivar-se tomando como base o posicionamento, a extensão, os recursos naturais e a força; o *Poder Latente* é aquele que poderá ser mobilizado pelo Estado com o empenho total de tudo quanto ele tem de disponível; enquanto o *Poder Prestígio* não pode ser calculado nem medido, pois é simples-

mente atribuído a um Estado pelos demais Estados. Este último, sendo uma incógnita, é perigoso, pois uma estimativa falsa pode levar um Estado a uma escolha fatal, a uma linha de ação não apropriada no âmbito das Relações Internacionais.

Do exposto podemos concluir que, convertida na *consciência geográfica do Estado*, a Geopolítica pode prestar serviços às causas da guerra como também às da paz, desde que adequadamente formalizada. Poderá, assim, traçar as metas para um bom governo fundamentando suas diretrizes no setor da integração, dentro do aproveitamento sistemático de seu espaço e posição, para bem se posicionar no âmbito das Relações Internacionais.

Integra-se no conceito pacifista a definição que Mário Travassos deu para a Geopolítica como sendo "o processo interpretativo dos fatos geográficos em seus aspectos positivos e negativos, de cuja soma algébrica deve resultar o juízo da situação de um país, no momento considerado, não como um julgamento definitivo, fruto de uma predestinação de caráter determinista, e, muito menos de uma forma de redução coletiva, visando a objetivos políticos nem sempre confessáveis".

DETERMINISMO E POSSIBILISMO

○ Não sendo autômato, sem determinação ou vontade própria, o homem goza de liberdade, numa proporção que aumenta na razão direta do avanço da ciência e téc-

nica; a esse fato chama-se de *possibilismo*. No entanto, tal liberdade é, de certo modo, engenhosamente dominada pela natureza dentro do que se convencionou chamar de *determinismo*.

Dentro do determinismo alemão sintetizando a Geografia Política para chegar à Geopolítica, coube a *Frederico Ratzel* o mérito de se aproveitar dos estudos políticos e econômicos dentro da base geográfica. Caberia, porém, ao sociólogo *Rudolf Kjellen* a concepção restrita da Geopolítica como disciplina de contacto entre a Geografia e a Política.

Em sua *teoria do espaço vital* Ratzel sintetizou o crescimento do Estado, dentro do aspecto orgânico, afirmando que não haveriam de subsistir os territórios políticos aos quais não se "oferecem ao crescimento razões naturais ou econômicas". Dentro da concepção do autor alemão só "um território extenso, esparsamente povoado, é um grande Estado do futuro". Como geopolítico Ratzel influenciou o geoestrategista Haushoffer, daí haver dito Derwnt Whittlesey: "A Alemanha foi a primeira nação a compreender o valor da estratégia política como auxiliar da guerra e a reconhecer as suas raízes na Geografia. A Geopolítica teve como finalidade pôr a Geografia a serviço de uma Alemanha militarizada".

Fiel a essa teoria do espaço vital ou "lebensraum", Kjellen introduziu a *idéia nacionalista* ao afirmar que: "o Estado é uma parcela da humanidade num pedaço de terra organizada; assim em qualquer lu-

gar que coexista um grupo da mesma raça, o Estado poderoso pode e deve surgir". A teoria nacionalista de Kjellen pode ser sintetizada em quatro pontos:

1º — O poder público apareceu para forçar o restabelecimento da ordem, estabelecida para proteger e garantir o cidadão.

2º — O Estado atua diretamente sobre o indivíduo.

3º — O Estado é um realizador.

4º — O Estado toma a si iniciativas de cultura política, de previdência social e de gerência de empresas mistas.

Bem observados e analisados, os quatro pontos da teoria nacionalista de Kjellen foram seguidos pela Alemanha Nazista, mas no presente é a Rússia Comunista (ambas no núcleo do "heartland" do Poder Terrestre de Mackinder) que os vem procurando pôr em prática no âmbito das Relações Internacionais.

CONCLUSÃO

O solo, o mar e o ar têm significados distintos para os diferentes povos; daí Haushoffer haver dito que "a Geopolítica alemã é tão teutônica como são anglo-saxões os escritos de Bowman, Mahan e Mackinder". Tudo se envolve no princípio de que *não existindo nações cujas condições geográficas sejam as mesmas, existem tantas geopolíticas quantos sistemas estatais subsistam em confronto*. E no confronto mar, terra e ar, Mahan, Mackinder e Seversky se destacaram com suas respectivas *teorias do poder*.

No momento, porém, em que a teoria do *Poder Terrestre* procurava sobrepôr-se a do *Poder Marítimo eclodia a Primeira Guerra Mundial*, levando os estudiosos a aspectos geoestratégicos mais globais no âmbito das Relações Internacionais. O fulcro da política se estendia então para a América, até então marginalizada, e os Estados Unidos se faziam presente numa guerra européia, enquanto o *Poder Aéreo gerava uma Geopolítica integralizada*.

Surgiram vários "heartlands" incluindo massas interiores de outros continentes, destacando-se o "rimland" onde passaram a se enfrentar nações ou blocos de nações. O eixo das decisões saía da Europa, induzindo toda e qualquer nação a participar do jogo mundial. Impõe-se então a *Geopolítica como método de análise*, colaborando no planejamento da segurança nacional de cada país em função do fator geográfico. Por isso afirmou Nicolas Spykman que deviam ser levados em conta "os problemas da segurança nacional de um país de tal maneira em face dos fatores geográficos, que as conclusões possam vir a ser de utilidade para a formulação das diretrizes nacionais". Daí a *interpenetração Geopolítica-Geoestratégica no Âmbito das Relações Internacionais*; interpenetração ocasionada pela política aplicada aos espaços geográficos estudada pela Geopolítica, a que se associaria a Geoestratégica analisando os espaços geográficos dentro de enfoque político militar.

A Geoestratégia abrange, pois, poderes repartidos por um mundo em que um *hemisfério norte eminentemente terrestre* se contrapõe ao *hemisfério sul essencialmente marítimo*, sem dispensar os extremos, *as regiões polares, onde se encontram os desafios do espaço*.

A Geopolítica em sua abrangência apresenta-se mais ou menos complexa em função de dois fatores principais: *o posicionamento e a presença*.

A presença envolve poucos países, justamente os que possuem *amplo território e vasta fachada marítima*; enquanto o posicionamento pode afetar todo e qualquer país dos seis continentes, visto que a Antártica já se inclui no âmbito das Relações Internacionais. Todos os acontecimentos políticos, econômicos e sociais se interpenetram envolvendo toda a humanidade. Assim um lugar, por mais longínquo e esquecido que esteja, poderá transformar-se de uma hora para a outra num ponto de grande importância e convergência de ambições; assim ocorreu com a Coréia, com o Vietnã e ocorre com a Namíbia e Malvinas — nos dois opostos do Planeta.

Observamos, pois, que o posicionamento é um dos responsáveis pelos conflitos localizados que se generalizaram sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, contrastando com o fator presença que envolve apenas uns poucos países; presença que Alexis de Tocqueville, em 1835, já restringia, dentro da bipolaridade, apenas para

as nações com grande território servidas por extenso litoral.

A evolução dos fatores geoestratégicos, mais característicos em função da Geopolítica, se encarregou, pois, de nos integrar num eixo global; envolveu-nos no cenário das Relações Internacionais em torno de *dois blocos: o Ocidental* dito capitalista e o *Oriental* rotulado como comunista.

Do exposto se conclui que a Geopolítica deve ser encarada em termos de *aplicação integral* na consecução dos objetivos de um Estado. Como ciência, seu método conveniente é o histórico em base geográfica, pois, expondo fatos conhecidos e concretos, atinge os argumentos que abonam ou desabonam, induzindo ao mais provável.

Desconfiando sempre que possível do determinismo, chega-se ao possibilismo, visto que a Geopolítica não se pode basear unicamente em considerações unilaterais ou individuais. Dentro do possibilismo a Geopolítica deve reunir o técnico-político e, no dizer de Haushoffer, o geopolítico deve "possuir os talentos do bom jornalista e seu agudo sentido noticioso, a instrução do oficial de Estado-Maior com sua apreciação exata das mais diversas informações, e a sóbria erudição do sábio".

Devemos notar ainda que antigamente as ações do diplomata e do militar se exerciam em tempos diversos e sobre objetivos diferentes; hoje o exercício é conjunto, em função da cada vez maior interdependência político-estratégica.

ca e conseqüente *entrosamento da Geopolítica e Geoestratégia no âmbito das Relações Internacionais*. É este, pois, o campo da *Geopolítica Integralizada* que Golbery do Couto e Silva chama de *Aeropolítica*. Isto porque o Poder Aéreo é, no presente, o grande fator de ligação dos Poderes Marítimo e Terrestre, contribuindo, pois, para, numa base geográfica, elaborar uma estratégia única que lhe permitia conviver no campo político.

BIBLIOGRAFIA

— A. E. Moodie — Geografia e Política — Rio, 1963.

— Derwent Whittlesey — Geografia Política — México, 1948.
 — Hans W. Weigert — Geopolítica (Generales y Geografos) — México, 1944.
 — Hugo Hassinger — Fundamentos Geográficos de la História — Barcelona, 1958.
 — Jean Brunhes e Camille Vallaux — Géographie de L'Histoire — Paris, 1921; Les Sciences Géographiques — Paris, 1925.
 — Pierre Célérier — Géopolitique et Géostrategie — Paris, 1955.
 — Pierre Renouvin e Jean-Baptiste Duroselle — Introdução à História das Relações Internacionais — S. Paulo, 1967.
 — S. W. Wooldridge e W. Gordon East — Espírito e Propósitos da Geografia — Rio, 1967.



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".